

N.º 186 — Lisboa, 6 de Abril

8.º
ANNO
1907

PARODIA

FUNDADOR

RAPHAEL BORDALO PINHEIRO

Publica-se aos sabbados

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA

PREÇO AVULSO 40 RÉIS

Um mez depois de publicado 80 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — L. do Conde Barão, 50

Assignaturas (pagamento adeantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 2\$000 rs. | Brazil, anno 52 numeros 3\$000 rs.
Semestre, 26 numeros. 1\$000 rs. | Africa e India Portuguesa, anno . 2\$000 rs.
Cobrança pelo correto. \$100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros. . . 3\$600 rs.

Nota: — As assignaturas por anno e por semestre aceitam-se em qualquer data; tem porem de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

Composição e impressão

“A EDITORA,”

L. do Conde Barão, 50

Ordem... do Dias

D.

*E' um chefe de policia e
parece um chefe de kabyla.*

*Um olho para Marte e
outro para Venus.*

*Othello, ou o mouro de
Veneza — da ordem.*



H. LOPES DE MENDONÇA

Affonso de Albuquerque

Drama em 5 actos, em verso, actualmente em scena no theatro de D. Maria II.

800 réis

Pedidos á "A Editora", Largo do Conde Barão, 50.

À venda em todas as tabacarias e livrarias e no camaroteiro do theatro

AVISO

Na administração da *Parodia* recebe-se qualquer collaboração artistica, podendo todo aquelle que verificar que o seu trabalho mereceu a publicação no nosso semanario, receber na referida Administração a remuneração que lhe fôr conferida.

Jeronymo Fernandes

CALLISTA DA CASA REAL

Extracção de callos e deseneravamento de unhas pelos mais modernos processos.

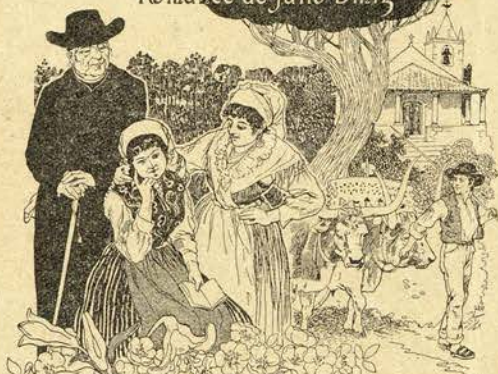
Consultorio luxuoso, installado recentemente.

Rua de S. Roque, 33, 1.º

LISBOA

'AS PUPILLAS DO SENHOR REITOR'

Romance de Julio Diniz



Grande Edição de Luxo
com Illustrações de
Roque Gameiro
"A EDITORA"

ASSIGNATURA PERMANENTE
CONDE BARÃO-50 - LISBOA



PARODIA

N.º 186 — LISBOA, 6 DE ABRIL

8.º ANO 1907

FUNDADOR
RAPHAELO BORDALLO PINHEIRO

Publica-se aos sabbados
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA
PREÇO AVULSO 40 RÉIS
Um mez depois de publicado 80 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — L. do Conde Barão, 50

Assignaturas (pagamento adiantado)

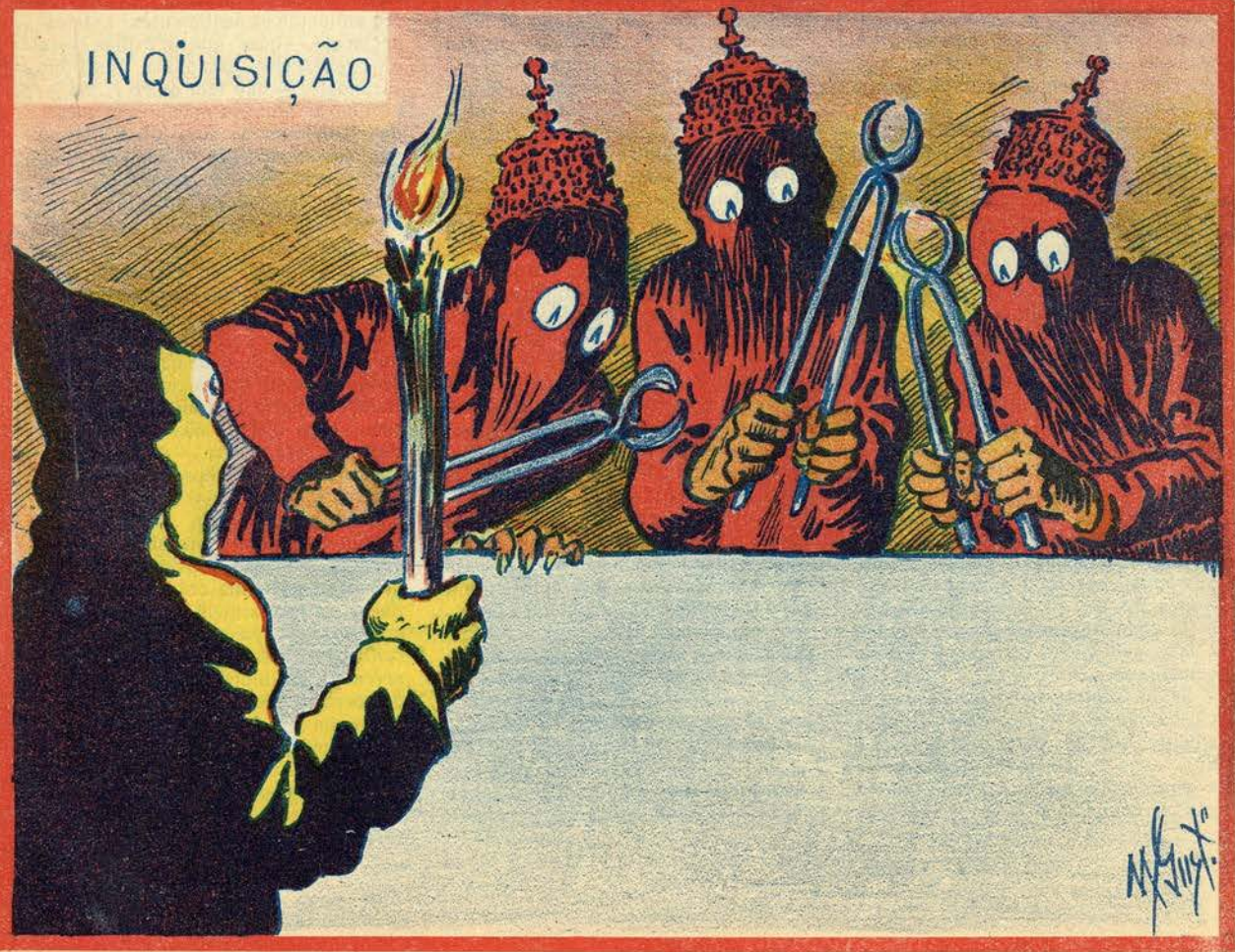
Lisboa e provincias, anno 52 num., 2\$000 rs.	Brazil, anno 52 numeros 5\$000 rs.
Semestre, 26 numeros 1\$000 rs.	Africa e India Portuguesa, anno : 2\$000 rs.
Cobrança pelo correio \$100 rs.	Estrangeiro, anno, 52 numeros . . . 3\$000 rs.

Nota: — As assignaturas por anno e por semestre accitam-se em qualquer data: tem porem de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

Composição e impressão
“A EDITORA,”
L. do Conde Barão, 50

O fóro academico



Carta a um republicano

Ex.^{mo} AMIGO E SENHOR:

Segundo podemos deprehender da leitura dos jornaes que publicaram os resumos dos discursos proferidos na inauguração de um dos novos centros (o de Belem) que os seus correligionarios vão espalhando por Lisboa, ha sensíveis divergencias de opinião, por parte dos primeiros homens do partido republicano ácerca da utilidade d'essas aggremações politicas e tão sensíveis são essas divergencias que ellas se manifestam precisamente quando, segundo todas as apparencias, devia haver a tal respeito absoluto accordo, isto é, no acto mesmo em que essas aggremações se fundam e celebram festivamente o seu advento.

Convidados a tomar parte na festa, alguns dos seus chefes politicos compareceram na festa — para desmanchar a festa. Na festa de Belem, por exemplo, o seu correligionario Magalhães Lima, que, no entanto, foi, segundo lemos, quem presidiu, pronunciou-se duramente contra o que chamou — «as egrejinhas de elogio mutuo», transparente allusão aos centros politicos que se fundaram sob a invocação dos nomes de Bernardino Machado, Affonso Costa, Alexandre Braga e outros seus correligionarios. Brito Camacho, reproduzindo uma opinião de Manuel d'Arriaga, declarou os centros politicos perigosos. O seu correligionario João de Menezes formulou uma opinião identica. Quer dizer, na inauguração do centro republicano de Belem, inauguração festiva, com arbustos, bandeiras, bandas de musica, mulheres, creanças, flores, não se fez outra coisa senão condemnar a obra politica dos Centros, e aqui está, caro amigo, precisamente o que não comprehendemos, porque não comprehendemos em primeiro logar, que uma obra popular, que o publico reputa admiravel, encantou a opposição dos chefes do seu partido, e depois que estes compareçam ao appello que lhe é feito pelo povo, justamente para a condemnar.

Se os centros politicos são perniciosos não o sabemos, embora se nos affigure que um partido democratico que, como o seu, pretende despertar a consciencia do povo, tem tudo a ganhar com que o povo se aggreme

á volta das idéas que elle defende. Essas aggremações garantem-lhe, pensamos nós, a solidariedade permanente de vontades que, sem ellas, se extraviariam talvez. São a sua força organizada e veja o amigo João Franco: sem o appoio da opinião, mas comprehendendo que não se póde governar sem ella, como tantas vezes tem dito e com razão, o João Franco, funda centros franquistas, a fim de dar ao paiz a impressão de que a opinião é solidaria com elle. Note! E' elle que os funda. A opinião publica, que, segundo elle, o acompanha, não fundou um só. Pois bem! Os chefes republicanos não tem esse trabalho. E' a opinião, a opinião veridica, a opinião insophismavel, quem toma a iniciativa de os fundar, e os chefes republicanos combatem esta iniciativa espontanea, generosa, gratuita de uma força a que o proprio poder em vão faz a corte! E' extraordinario!

O que, porem, nos surprehende não é que os seus chefes politicos combatam a iniciativa popular da fundação dos centros politicos, mas que a vão combater nas suas sédes e perante o seu publico, porque se é frequente dizer mal de um jantar que se come é muito raro que isto succeda no acto de o estarmos a comer, e a inauguração de um centro republicano em Lisboa, segundo temos deprehendido das noticias dos orgãos republicanos é um verdadeiro banquete de solidariedade e de sympathia pessoal offerecido pelo povo democratico aos representantes da democracia. Em Belem por exemplo, — conta um d'esses jornaes, — as paredes da sala em que se effectuou a inauguração do centro republicano, desappareciam sob os tratos, rodeados de festões e flores, dos grandes homens democraticos. Os que não estavam representados em effigie lá tinham os seus nomes inscriptos em grandes letras e precedidos, ou seguidos das palavras de um verdadeiro hymno de gloria. A sala estava apinhada de povo e esse povo — que dentro em pouco havia de ouvir condemnar a sua obra — recebeu com aclamação os seus chefes politicos, vindos ao seu appello. Sempre que cada um d'estes se ergueu para falar,

foi um trovão de applausos, aos quaes a *Marseilha* juntou os seus accordes entusiasticos. Foi assim em Belem. E' assim, segundo vemos, em todas estas festas do povo republicano de Lisboa, e como se explica que os seus chefes politicos se associem a ellas e no mesmo instante as declarem inspiradas n'um pensamento pernicioso?

Este facto é que é verdadeiramente extraordinario! Ha, porém, um outro que não o é menos e é a reprovação feita por alguns dos seus chefes politicos, das homenagens prestadas a outros, ou seja aquillo a que o seu correligionario Magalhães Lima chamou — «as igrejinhas do elogio mutuo.» Isto não é já então discordancia de idéas: é animosidade pessoal, e como explica o amigo que os republicanos deem o espectáculo publico de tão antipathicos sentimentos? Este espectáculo — quer que lh'o diga? — é um verdadeiro escandalo. Sim! um escandalo! — não tem outro nome. — porque os homens podem sem escandalo combater as suas idéas, mesmo quando militam no mesmo partido, mas não podem sem escandalo, combater-se tão desafortadamente uns aos outros, e as palavras de reprovação lançadas contra os centros politicos que se collocam sob invocações pessoais é esse combate desafortado. Não se nega o direito á sympathia publica a quem a mereceu. Negal-o nas singulares condições em que o estão fazendo os seus correligionarios, é declarar a guerra não ao *personalismo*, como elles dizem, mas ás *personalidades*, e esta guerra — deixe-nos acrescentar — se sempre se fez dentro dos partidos nunca se fez tão patentemente como no seu.

Esta é a nossa impressão de observadores neutros. E' possivel, porém, que o amigo tenha outra, porque conhece os factos mais intimamente do que nós, e é possivel que do intimo conhecimento dos factos resultem como verdades deslumbrantes: 1.º — que a democracia não se deve associar; 2.º — que os democratras são os naturaes inimigos da democracia, e, finalmente, 3.º — que são os naturaes inimigos — uns dos outros.

JOÃO RIMANSO

Parlamento theatral

As sessões, na camara electiva, vão ser de tarde e á noite.

O governo foi buscar este exemplo aos theatros de D. Amelia e da Avenida que, quando tem peças de successo, as dão em *matinée* e á noite, com bons resultados.

Resta saber se os resultados, na camara, tambem serão bons ou se, contra a expectativa do empresario, a peça será pateada.



Diz-se que será n'um dos espectaculos da noite que o governo apresentará a celebre peça *Adeantamentos* ou *Solemnissima encravação de um*



sujeito que fallou de mais sem que ninguem lhe perguntasse quantos annos tinha.

Deus lhe dê mais sorte que ao *Jogo Franco*, que vem a ser pouco mais ou menos a mesma coisa com enormes adeantamentos feitos pelo Taveira.

Não seria mau que o empresario, antes de se metter em cavallarias altas, ouvisse o celebrê conselho de arte dramatica.



Olhe que se arrisca não só a que a peça caia — como tambem a que caia a empreza.



Nosso Senhor comprometido pelo "Portugal"

Em França procede-se a um rigorosissimo inquerito a fim de se apurar a causa do tremendo desastre do *Iena*, que tanto commoveu a opinião.

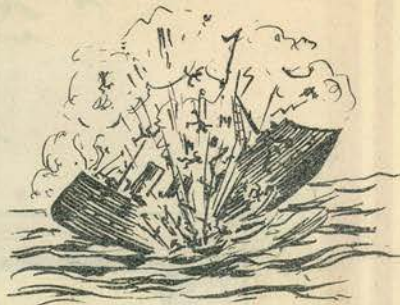
Até agora, porém, nada se apurou, segundo os jornaes.

Falta de perspicacia assim, nunca se viu!



Quando, em França os mais graduados membros da marinha do governo dão a ferros para descobrir as causas da catastrophe, aqui em Lisboa, um nosso collega, que nada pesca de assumptos navaes e está a tantas leguas de distancia do local do sinistro, descobriu de pé para a mão as causas d'este.

Referimo nos ao nosso piedoso collega do *Portugal* que declarou *urbi et orbi* certamente com auctorisação superior, que a catastrophe do *Iena* fôra



castigo applicado por Deus Nosso Senhor ao impio Clemenceau, por causa das continuas judiarias d'este contra a santa religião.

Esta gente que cheira a santidade, sae-se com cada uma que é de louvar a Deus de gatinhas!

Como quererão elles, depois de affirmarem esta tolice, fazer acreditar na puresa de intenções de Nosso Senhor, quando seria certo que se Deus Nosso Senhor tivesse permitido tal atrocidade não ganharia nada com isso porque victimara innocentes e deixara o Clemenceau a rir-se!



Duches, meninos. Duches — d'agora benta!

Pontos de vista

Em Inglaterra, a camara dos communs regeitou por 150 votos contra 118 o projecto que tornava obrigatorio o systema metrico decimal.

Quem mais se esbofou contra a innovação foi um tal lord George que depois de admirar muitos argumentos especiosos, concluiu por dizer que «a Inglaterra não está ainda madura para esta medida.»

Pois a nós quer-nos parecer que a Inglaterra não adopta a medida exactamente por estar cada vez mais madura.

OS CRIMES DA UNIVERSIDADE

As victimas



EDADE MEDIA

Alto da Bandalho

Educação popular

A primeira das conferencias feitas na Sociedade de Geographia sobre o momentoso assumpto que nos serve de epigraphe, foi a do sr. Velhinho Correia, que fallou magnificamente sobre o thema: Educação em Portugal.



Fallou tão bem, tão bem, o sr. Velhinho, que logo alli lhe pedi que fizesse outra conferencia. Mas o sr. Velhinho declarou que não ia além d'uma — e deu um viva a si proprio.

A pena do silencio

Ultimamente varios collegas nossos, dos conspicuos, teem andado ás turras porque alguns d'elles, contra o estipulado n'uma reunião magna, publicam os nomes de cavalheiros condemnados á pena do silencio por terem prestado o seu concurso á aprovação da belleza de hortaliça a que se chama lei de imprensa.



Sentimos que alguém rompesse o accordo, mas devemos declarar solememente, com toda a seriedade de que somos capazes (ás vezes calha estarmos n'esse preparo) que nunca, pela palavra nunca, demos qualquer facadita no accordo celebrado.

Cá em casa chucha-se, não ha duvida, mas seriedadesinha ha.

Prometemos que nunca mais publicariamos o nome do João Franco e

temos cumprido. E nem que nos matem a nossa penna tornará a escrever o nome d'esse homem.

E se ha quem nos desminta, esse que appareça.



A chegada do "Cuco,"

No dia 21, segundo os jornaes, os moços de fretes da Galliza, que constituem talvez dois terços da população de Lisboa, festejaram a chegada do «Cuco», que vem a ser uma tralhada qualquer que serve de pretexto a pandega rasgada.



Um dos numeros do programma da chegada do *Cuco* é o seguinte: um rapaz, o ultimo individuo da classe dos moços de fretos que se matrimoniou, toma logar n'um palanquim armado sobre uma padiola e todo satisfeito da sua vida anda em charola pelas ruas, aos hombros dos camaradas que casaram antes d'elle.

Parece que esse recém-casado é que figura de *Cuco*.

Em França não se faz esta procissão mas existe tambem o mesmo culto.



Simplemente não é bem pelo *Cuco*. E' de traz para deante.

Suar e não chorar

A proposito das representações da Tina di Lorenzo disseram os nossos collegas da imprensa diaria muita coisa linda, que os senhores terão lido e devidamente apreciado, não valendo portanto a pena repisar o assumpto.

Mas convem consignar que um illustre critico, o sr. Derouet, achou que



a *Dama das Camélias* era uma peça velha — e n'este ponto estamos com o nosso illustre camarada e com o Amigo Banana — a qual peça teve seu



periodo de prestigio, tendo feito «chorar as estopinhas» a nossos avós.

Aqui não estamos de accordo, e o que é mais grave, nem o Amigo Banana. O sr. Derouet que é um rapaz bastante novo — tão novo como intelligente — não é do tempo dos nossos avós. Não está portanto ao facto dos usos e costumes d'esses bons velhotes.

Elles não choravam tal as estopinhas — suavam, o que é diferente. E a *Dama das Camélias* representada nunca lhes produzia esse effeito. A valer, sim senhor, e não era sempre. Lá para fins de julho e agosto.

Isso então era um gastar d'agua e romper fundos de *bidets*, que era de uma pessoa se benzer.

Theatros

D. Maria

«MARECHALA»

Regista-se com satisfação o successo legitimo obtido pela *Marechala* em D. Maria, onde o peregrino talento de Anna Pereira brilha ainda — e brilhará por muitos annos! — como astro de primeira grandeza.



Parabens á querida velhinha e ao traductor, nosso amigo Eça Leal, que d'esta vez nos serviu peça quente.

Vamos repetir.

— Para breve festa do illustre actor Ferreira da Silva, que está muito precisadinho.



Lá irémos juntar o nosso applauso aos dos muitos admiradores do distinctissimo artista. Mas ha-de ser de borla, se Deus quiser.

Elogios, menino, os que quizeres, porque todos te são devidos; agora vintem... vae esperando.



— Annuncia-se tambem a festa do nosso velho amigo Brazão. Idem, idem, na mesma data.

«D. Amelia»

Vae-se Tina di Lorenzo e deixa saudades. Mas vem ahi o Bensaude, de quem tinhamos muitas saudades — e fica uma coisa pela outra. Mestre Braga, em leis de compensação, é o que se chama um barra.



O illustre barytono cantará, entre outras peças, os *Dragões de Villars* e o *D. Cesar de Basan*.

Sem reclamo para a empresa — que aliás não precisa d'elle — diremos como testemunhas oculares é de ouvideira, que o Bensaude canta e representa magistralmente estas duas peças.

A gente afirma isto porque já viu e ouviu, aqui ha um bom par d'annos muito bem puxados, quando Deus andava pelo mundo e o Bensaude não era Mauricio e dava por Moysés que era um regalo vel-o.

D'aqui o abraçamos e apertamos a mão ao amigo Braga, pedindo-lhe dispensa do abraço, porque a ultima vez



que elle nos apertou contra o coração, ia-nos dando cabo do canastro.

«Gymnasio»

«SUMO DA UVA»

Bravo, seu Freitas Branco, bravo! O *Sumo da uva* é um encanto de peça e nada conhecemos melhor para aligeirar o canudo da existencia.



Deve dar um dinheirão ao Gymnasio, especialmente agora, que o sumo da uva dá agua pela barba ao governo e faz ferver em pulgas a Associação de Agricultura.

E' comedia para ainda levar á camara dos deputados o sr. dr Feijão.

Salmão, poesia e pipas

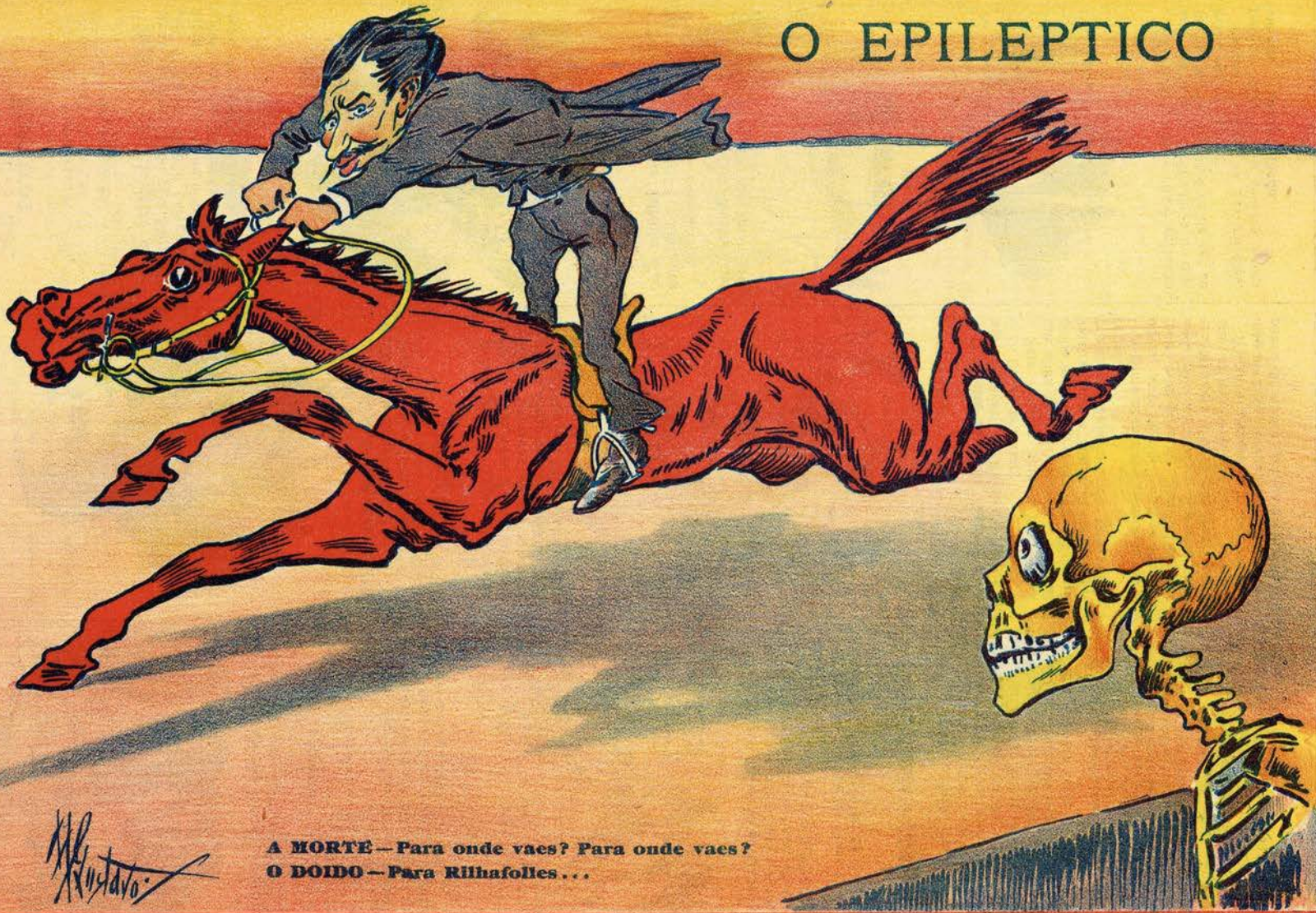
Com o titulo *Salmão precioso*, o illustre poeta Gomes Leal fez uns versos a um peixe apparecido na mesa do antigo ministro do Brazil em Portugal, dr. Assis Brazil, versos que foram ultimamente publicados.

D'elles destacamos estes sete versos, com a devida venia:

E o grande Herodes Antipas
que era um monarcha brilhante,
que de nada tinha mingua,
claro protector das tripas...
se te provasse um bocado
gritava á radiosa amante
— E' bom, com trezentas pipas!...

Oh sr. Gomes Leal, aqui para nós que ninguem nos ouve, o salmão seria bom com tresentas pipas; mas os versos, esses são maus — com seiscentas.

O EPILEPTICO



A MORTE — Para onde vaes? Para onde vaes?
O DOIDO — Para Rilhafolles...

EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Serviço da Costa Occidental e Oriental d'Africa
ITINERARIO

Lisboa..... (Part.)	1	7	22	Beira.....	11/12	--	--
Madeira.....	3	9	—	Lourenço Marques..	14/16	—	—
S. Vicente.....	—	1	—	Mossamedes.....	—	9	22
S. Thiago.....	—	14/15	28/29	Benguella.....	—	10/11	23/24
Príncipe.....	—	23/24	7	Lobito.....	—	12	25
S. Thomé.....	13	25/27	8/10	Novo Redondo.....	—	13	26
Cabinda.....	—	—	12	Loanda.....	25	14/16	27/29
St.º Antonio do Zaire	—	—	13	Ambriz.....	—	17	30
Ambriz.....	—	30	14	St.º Antonio do Zaire	—	—	31
Loanda.....	16	1/3	15/16	Cabinda.....	—	18	2
Novo Redondo.....	—	4	17	S. Thomé.....	28	20/22	4/6
Lobito.....	—	5	18	Príncipe.....	—	23	7
Benguella.....	—	6/7	19/20	S. Thiago.....	—	1	15
Mossamedes.....	—	8/9	21/22	S. Vicente.....	—	—	16
Lourenço Marques ..	25/2	—	—	Madeira.....	—	9	20
Beira.....	4/5	—	—	Lisboa..... (Cheg.)	12	7/8	22/23
Moçambique.....	7/9	—	—				

VAPORES: Ambaca — Cazengo — Cabo Verde — Angola — Benguella — Zaire — Malange — Portugal — Africa — Loanda — Bolama — Zambezia — Príncipe — Mindello — Guiné e Lusitania.

Para carga, passagens e quaesquer esclarecimentos, dirigir-se: NO PORTO: aos agentes srs. H. Burmester & C.ª, rua do Infante D Henrique.

Séde da Empresa: RUA D'EL-REI, 85 = LISBOA

Real Fabrica de Louça de Sacavem

Deposito geral R. da Prata, 126 a 132

GRANDE SORTIMENTO EM LOUÇA AVULSO

Variadissimos e lindissimos serviços de jantar, de chá e de toilette.

Preços e qualidade sem rival, igual á melhor louça das fabricas estrangeiras.

Não se deve comprar louça sem primeiro ver a de Sacavem.

COMPAGNIE

DES

Messageries Maritimes

Paquebots poste français

LINHA TRANSATLANTICA

Para Dackar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres

Sahirão os paquetes:

Chili, commandante Olivier, que se espera de Bordeus em 1 de abril.

Magellan, commandante Dupuy Frony, que se espera de Bordeus em 15 de abril.

Preço da passagem de 3.ª classe de Lisboa para o Brazil 33\$500 réis.

Preço da passagem de 3.ª classe de Lisboa para Montevideu ou Buenos-Ayres, 38\$000 réis.

Para Bordeus, em direitura

Magellan, commandante Dupuy Frony, que se espera do Brazil em 21 de março.

Esmeralda, commandante Morton, que se espera do Brazil em 30 de março.

Para passagens de todas as classes, carga e quaesquer informações trata-se na Agencia da Companhia, 32, rua Aurea.

Para passagens de 3.ª classe trata-se tambem com os srs. Orey Antunes & C.ª — 4, Praça dos Remolares 1.ª.

Os Agentes,

Sociedade Torlades

32, Rua Aurea.

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

SERVIÇO DOS ARMAZENS

Fornecimento d'agua-raz

No dia 1 d'Abril de 1907, pela 1 1/2 horas da tarde, na estação central de Lisboa (Rocio) perante a Comissão Executiva d'esta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de 5.000 kilos d'agua-raz.

As condições estão patentes em Lisboa, na repartição central do Serviço dos Armazens (edificio da estação de Santa Apolonia) todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde.

O deposito para ser admittido a licitar, deve ser feito até ás 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio exterior da estação central de Lisboa (Rocio).

Lisboa, 13 de Março de 1907.

Fornecimento de vidros diversos

No dia 1 d'Abril pela 1 1/2 horas da tarde, na estação central de Lisboa (Rocio) perante a Comissão Executiva d'esta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de vidros diversos para caixilhos de carruagens.

As condições estão patentes em Lisboa, na repartição central do Serviço dos Armazens (edificio da estação de Santa Apolonia) todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde.

O deposito para ser admittido a licitar deve ser feito até ás 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio exterior da estação central do Rocio.

Lisboa, 15 de Março de 1907.

AVISO AO PUBLICO

Expedições de Mexilhão para Hespanha

Tendo cessado a prohibição em Hespanha da importação de ME XILHAO, nos mezes de Janeiro a Julho, previne-se o publico de que serão acceitas para despacho nas estações d'esta Companhia, em qualquer epocha do anno, remessas d'aquelle marisco com destino ás estações das linhas hespanholas.

Ficam pelo presente annulladas as disposições constantes do Aviso ao Publico B. 1475 de 16 de Março de 1906, unicamente no que respeita a expedições de MEXILHAO.

Lisboa, 1 de Março de 1907.

O Director Geral da Companhia

A. Leproux.

